



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

ANAIS ELETRÔNICOS

25 a 27 de abril
UEMG/CEFET-MG
Belo Horizonte (MG)

20
17

OS HOMENS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE A ACADEMIA PRODUZIU SOBRE ELES¹

Eliana Batista Souza²

- Resumo

Nas décadas de 1970 e 1980 a Educação Infantil brasileira teve uma grande expansão graças às pressões feita pelo movimento pró-creche no sentido de reivindicar locais adequados para o cuidado e educação das crianças menores de seis anos cujas mães eram trabalhadoras fora do espaço doméstico. Nesse sentido, a Educação Infantil, num curto período de tempo, transita pela Assistência Social e oficializa-se na área da educação a partir da Constituição Federal de 1988. Isso ocasiona muitos impactos nessa etapa da educação que não só constitui-se um direito às crianças como também um campo de trabalho. Como campo de trabalho carrega marcas profundas do processo de feminização do magistério direcionado às crianças que se traduz, principalmente, no conflito entre a educação formal e a educação materna. Percebe-se, com isso, que essa etapa é de domínio feminino e a partir de tal constatação surgiram indagações acerca da atuação dos homens nos espaços educativos destinados às crianças pequenas e para um melhor delineamento das questões levantadas foi realizada uma pesquisa inicial que objetivou buscar a produção acadêmica sobre a atuação dos homens na Educação Infantil, principalmente, nas três últimas edições da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), bem como em estados da arte, além de teses e dissertações disponíveis no portal e no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e nos repositórios de universidades públicas e particulares, traçando, dessa forma, um panorama das pesquisas realizadas no período de 2004 a 2014 e sendo, portanto, o objetivo desse artigo publicizar os resultados dessa pesquisa. A investigação iniciou-se no Grupo de Trabalho (GT) 23 da ANPEd por se tratar de GT dirigido, exclusivamente, às relações de gênero de sexualidade, no entanto, também, foram alvo de esquadrinha os GTs 02 (História da Educação), 07 (Educação da Criança de 0 a 6 anos) e 08 (Formação de Professores). O passo seguinte foi utilizar o site de busca *google* a fim de encontrar estados da arte, utilizando os descritores “Educação Infantil”, “homens” e “estado da arte”. No portal da CAPES, utilizando os descritores homens/educação infantil e masculino/educação infantil, obteve-se 36 registros, sendo que desses, apenas 2 atenderam a proposta da pesquisa. Posteriormente, nova busca foi realizada no Banco de Teses e Dissertações, também, da CAPES, com os mesmos descritores, tendo obtido como resultado 13 registros, destes, 4 trabalhos tratavam do homem atuante na docência da Educação Infantil e, finalmente, com o objetivo de cercar o máximo possível as produções, o quinto passo da pesquisa foi

1 Trabalho organizado a partir da pesquisa em andamento denominada A permanência de homens na docência da Educação Infantil na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte

2 Mestranda em Educação e Formação Humana, professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, e-mail: < souzaeliana@yahoo.com.br >.

a localização de trabalhos nos repositórios de teses e dissertações³ de algumas instituições de ensino superior (UFRGS, UDESC, UEL, UFRN, UFSCAR, UFBA, UFLA, UNESP, UNB, UFC, UFG, UFPB, UFSC, PUC PR, PUC SP, PUC MG, PUC RS, PUC BRASÍLIA, UNICAMP, USP, UFMG, UNILAB, UFPE, UEAP, UEA, UEPA, UNITINS, UERR, UNIR, UFRR, UFAC, UNIFAP, UFAM, UFOPA, UFPA, UFT, UFRA, UNIFESSPA). Nesta fase, 5 novos trabalhos foram encontrados, totalizando ao final 10 dissertações e 1 tese sobre o assunto. Ao analisar tanto os artigos encontrados na Anped, na verificação inicial, quanto os artigos indicados pelos trabalhos chamados de estado da arte constatou-se a vinculação dos mesmos às pesquisas realizadas para a escrita das teses e dissertações encontradas na CAPES e nos repositórios das universidades. Dessa maneira, esse artigo centrou-se nestas últimas que evidenciaram, a partir da perspectiva teórica interacionista simbólica, as dificuldades às quais passam os homens que decidem “se aventurar” na docência da Educação Infantil, quais sejam: o tabu quanto ao cuidado infantil, principalmente, das meninas, que é relacionado ao medo da pedofilia; o questionamento da masculinidade dos docentes e a desconfiança de possível homossexualidade; a cristalização da divisão sexual do trabalho; o discurso da maternidade e, conseqüente, inadequação dos homens naquele ambiente.

Palavras-chave: masculino, educação de crianças pequenas, professores

- Introdução

São nas décadas de 1970 e 1980 em que há uma grande expansão do atendimento das crianças com faixa etária entre 0 e 6 anos devido às lutas do Movimento pró-creche que reivindicava políticas públicas que atendessem as crianças, filhas das mães que exerciam atividades remuneradas fora de seus lares. Em 1988, também, sob influência das mobilizações do Movimento Pró-creche, a Educação Infantil foi incluída no capítulo da educação na Constituição Federal, constituindo-se como campo de trabalho docente.

Por conta de todo processo de feminização do magistério, esse campo de trabalho já nasceu feminino, segundo Saporoli (1997), pois os homens foram deixando a docência (das outras etapas educacionais) e assumindo postos superiores na hierarquia burocrática devido ao desprestígio profissional que traduziu-se, principalmente, nos baixos salários, de acordo com (ROSA; SÁ, 2015, p.1). Enquanto isso, as mulheres foram assumindo esses lugares e para justificar a fixação das mesmas nesses espaços foi sendo tecido ao longo do tempo o discurso de que elas eram ideais para ocupá-los pois a

mulher-mãe-professora, aquela que ilumina na senda do saber e da moralidade, qual mãe amorosa debruçada sobre as frágeis crianças a serem orientadas e transformadas por dedos que possuem a **capacidade natural** de desenhar destinos e acalentar esperanças, coadjuvantes inspirada de uma escola que se erige como transformadora de consciências [e corpos]. (ALMEIDA, 2006, p. 61, grifos nossos).

3 Algumas instituições não os possuíam.

E ao mesmo tempo, foi sendo, também, tecidos argumentos para o afastamento dos homens da educação das crianças. Um deles é o que Louro (2010, p. 20) chamou de dessexualização do espaço escolar, já que os homens são vistos como aqueles que exercem a sexualidade enquanto as mulheres como seres assexuados. Os homens, assim, na relação com as crianças, são vistos com certo “pânico moral” que os tipifica como potenciais pedófilos e tal pensamento é corroborado com as

(...) campanhas em torno do combate à violência/abuso sexual e a uma ampla divulgação na mídia envolvendo padres, médicos, educadores, artistas e outros acusados de pedofilia(...) [o que] têm levado a mudanças de comportamento e a um certo pânico moral, através de um monitoramento de possíveis ações que antes pareciam tão inofensivas, mas que hoje podem ser interpretadas ou mesmo confundidas como nocivas às crianças. (...) As próprias manifestações de afeto e interesse de homens por crianças pequenas podem ser vistas, nos dias de hoje, com certa desconfiança. (FELIPE, 2006, p. 215)

Isso faz com que homens, principalmente, na Educação Infantil, onde o contato com os corpos infantis é muito próximo e necessário devido aos cuidados com os mesmos, sejam tidos como ameaças.

Apesar desses dificultadores é possível encontrar homens exercendo a docência com crianças pequenas. Segundo dados do Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2016, cujos dados foram extraídos das estatísticas do MEC/Inep/DEED de 2014, de um total de 498.785 professores da Educação Infantil, 15.703 eram homens, ou seja, do total desses profissionais, os homens representavam 3,15%.

Embora o percentual de homens atuando na Educação Infantil seja baixo, pensando na construção dos papéis sexuais aos quais todos estão submetidos, é de suma importância compreender a atuação deles nesse espaço considerado feminino.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é buscar a produção acadêmica sobre a atuação desses sujeitos nessa etapa da educação, principalmente, nas três últimas edições da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), bem como em estados da arte, além de teses e dissertações disponíveis no portal e no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e nos repositórios de universidades públicas e particulares, traçando, dessa forma, um panorama das pesquisas realizadas no período de 2004 a 2014.

É importante ressaltar que estudar tanto homens, como mulheres é situar-se no campo do gênero, sendo, assim, importante compreendermos como tal conceito foi introduzido no âmbito acadêmico.

- Os estudos sobre gênero na Academia

Assim como em outros lugares do mundo, no Brasil, os estudos sobre gênero têm início com o movimento feminista. De acordo com Heilborn; Sorj (1999, p.3), esse movimento teve participação muito expressiva de acadêmicas, “a tal ponto que algumas versões de sua história consideram que o feminismo apareceu primeiro na academia e só mais tarde, teria se disseminado entre mulheres com outras inserções sociais” fato explicado por essas mulheres estarem em situação privilegiada para receber, elaborar e disseminar as novas pautas colocadas pelo feminismo dos países capitalistas avançados. “Assim, quando o movimento de mulheres no Brasil adquire visibilidade, a partir de 1975, muitas das suas ativistas ou simpatizantes já estavam inseridas e trabalhavam nas universidades” (HEILBORN; SORJ, 1999, p.3).

No entanto, é importante observar que nem sempre esses estudos tiveram a abrangência que o conceito de gênero abarca, pois a denominação mais comum para essa área na década de 1970 foi “estudos sobre a mulher” que objetivavam, principalmente, produzir conhecimentos sobre a situação das mulheres nas várias esferas da sociedade e denunciar a opressão a que estas estavam submetidas no Brasil.

De acordo com Heilborn; Sorj (1999), a partir da década de 1980, o termo mulher foi sendo substituído pelo termo gênero. Com isso, a produção acadêmica foi deixando de focar as diferenças sexuais e as relações de opressão, enfatizando os aspectos culturais e relacionais do conceito. Desse modo, os homens foram incluídos como uma categoria empírica a ser investigada.

A categoria gênero surge a partir dos questionamentos acerca da naturalização dos papéis sexuais feita por Simone de Beauvoir para quem “não se nasce mulher, torna-se mulher”. A partir de tal questionamento o movimento feminista, deixou de abordar, apenas, a submissão do poder masculino sobre as mulheres, mas “pensar como está organizada na sociedade a diferença sexual, que se baseia no binarismo, associando o poder ao polo masculino e a submissão ao polo feminino, como se inscritos na sua própria natureza” (ARAÚJO; BARRETO; HEILBORN, 2010, p. 48).

Para Piscitelli (2009), a construção do conceito de gênero teve grande contribuição da antropologia. Primeiramente, a pesquisa da antropóloga estadunidense Margareth Mead, realizada na década de 1930, em que comparou três sociedades tribais na Nova Guiné, publicada no livro *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*, revelou diferenças nos papéis atribuídos a mulheres e homens em cada uma delas, trazendo à evidência o caráter cultural dos papéis sexuais. Segundo Piscitelli (2009), embora Beauvoir não tenha utilizado o termo “papéis sexuais” esta incorporou as noções do mesmo, diferenciando-se da elaboração de Mead ao embasar-se na preocupação com a dominação masculina.

Posteriormente, a formulação acerca do sistema sexo/ gênero da antropóloga Gayle Rubin em ensaio denominado *O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo* foi responsável por grande difusão do conceito de gênero de acordo com Piscitelli (2009). O sistema sexo/gênero é definido como a conjugação de arranjos através dos quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da ação humana, ou seja, o gênero é significado a partir de uma base biológica, o sexo.

Tal formulação sofreu grandes críticas, principalmente, por feministas negras e do “Terceiro Mundo”, pois impedia a compreensão de que há diferenças entre as mulheres e entre os homens relacionadas à classe, pertencimento étnico-racial, nacionalidade, entre outras, apagando, dessa maneira, as reivindicações específicas.

De acordo com Piscitelli (2009), novas discussões e leituras passam a fazer parte do repertório das autoras feministas que

não concordam em trabalhar com a ideia de dominação/subordinação universal das mulheres, dividindo o mundo entre opressores e oprimidas. Elas preferem explorar situações particulares de dominação mediante análises que consideram o modo pelo qual o poder opera através de estruturas de dominação múltiplas e fluidas, que se intersectam, posicionando as mulheres em lugares diferentes e em momentos históricos particulares. E, ao mesmo tempo, prestam atenção a como as pessoas, individual e coletivamente, se opõem a essas estruturas de dominação. Isto permite perceber que os sistemas de dominação, nos quais gênero se articula a classe, raça, nacionalidade, idade, não têm efeitos idênticos nas mulheres do “Terceiro Mundo”. (PISCITELLI, 2009, p. 141)

Começa-se a haver um esforço para eliminar qualquer naturalização na diferença sexual.

Nesse sentido, seguindo uma tendência pós-estruturalista, desconstrucionista e antiessencialista, a filósofa estadunidense Judith Butler questiona o sistema sexo/gênero, argumentando que “não se pode, de forma alguma, conceber o gênero como constructo cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria – que se entenda essa como o “corpo”, quer como um suposto sexo” (BUTLER, 2010a, p. 154), pois

Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2010b, p. 26)

Butler (2010b, p.48), afirma que gênero é “ato performático” no interior do discurso, “é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra”. Essa definição enfatiza a noção de processo e de construção singular de cada sujeito, dentro de uma arena de possibilidades que se reafirma ou se renegocia através de sucessivas “performances”, ou seja, atos através dos quais os sujeitos se constituem.

Ela ressalta que sobre o entendimento da performatividade não deve ser “como o ato pelo qual o sujeito traz à existência aquilo que ela ou ele nomeia, mas, em vez disso, como aquele poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange.” (BUTLER, 2010a, p. 155).

Assim, ser homem ou ser mulher é o resultado do processo de imitação de performances masculinas e femininas construídas pela cultura ao longo da história (Butler, 2010a). Sendo que não há um modelo original a ser copiado, ou seja, a imitação é cópia da cópia. Logo, a identidade de gênero é ilusória, pois

No lugar de uma identificação original a servir como causa determinante, a identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção (Butler, 2010, p. 197).

Não sendo possível, portanto, pensarmos em mulher, homem, feminilidade e masculinidade, mas em mulheres, homens, feminilidades e masculinidades.

- A produção acadêmica acerca dos homens na Educação Infantil

No panorama sobre as produções sobre gênero e sexualidade na ANPed de 2000 a 2006, Ferreira; Nunes (2010) nos informa que o Grupo de Trabalho dirigido exclusivamente às relações de gênero de sexualidade, GT 23, surgiu em 2004, o que não significa que antes o assunto não era tratado na associação. No levantamento, foram manipulados 1518 trabalhos escritos no período de 2000 a 2003, sendo destes 62 trabalhos da temática em questão, já no período de 2004, dos 1542, 95 textos versavam sobre gênero, não exatamente no GT 23, significando que embora parte dos autores tenham migrado para este grupo de trabalho, muitos ainda mantiveram-se em seus grupos de origem. Dos grupos verificados, a autora chama a atenção para a produção do GT 2 (História da Educação) que sobressaiu, apresentando 16 trabalhos dos 62 da primeira etapa, passando a 5 dos 95 da segunda etapa. A participação dos outros grupos foi assim exposta:

Na primeira etapa citada os GT's 6 (Educação Popular), 7 (Educação da Criança de 0 a 6 anos) e 16 (Educação e Comunicação) tiveram todos 6 trabalhos, seguidos pelo GT 13 (Educação Fundamental), com 5 trabalhos, e pelos GT's 3 (Movimentos Sociais e Educação) e 21 (Afro-brasileiros e Educação), com 4 textos cada. Destes, podemos destacar o GT 6, por contar com trabalhos em cada um dos 4 anos examinados, e o GT 21, com 4 trabalhos em apenas 2 anos de existência. Já na segunda etapa os números caem em todos os grupos citados, menos no GT Movimentos Sociais e Educação (3), que foi pelo caminho inverso, ao ampliar o número de trabalhos de 4, nos primeiros quatro anos, para 6 trabalhos nos três anos seguintes. (FERREIRA; NUNES, 2010, p.6)

Embora não explicita o conteúdo dos trabalhos, Ferreira; Nunes (2010) chama a atenção para o fato de muitos trabalhos encontrados apenas tratarem a situação das mulheres, especialmente,

à história das mulheres, demonstrando a permanência da visão sobre esse campo presente na década de 1970. Isso pode ser explicado pelo fato de serem as mulheres a encabeçarem as discussões sobre o tema, pois no período anterior à criação do GT 23, as mulheres responderam pela autoria de 55 trabalhos e, entre 2004 e 2006, de 78.

Outro ponto importante a se destacar é a participação tímida do GT 7 no montante dos textos analisados, tornando relevante compreender a produção sobre o homem e se e como o mesmo foi tratado no âmbito da Educação Infantil.

Já na investigação de respeito da atuação do homem na Educação Infantil, ainda, no âmbito da ANPed, Investigando as produções a respeito da atuação do homem na Educação Infantil no âmbito da ANPed, nas reuniões ocorridas nos anos entre 2013 e 2015, nos Gts 02 (História da Educação), 07 (Educação da Criança de 0 a 6 anos), 08 (Formação de Professores) e 23 (Gênero, sexualidade e educação), foram encontrados o artigo de Sousa (2015) e o de Monteiro (2013).

Ao digitar os descritores “Educação Infantil”, “homens” e “estado da arte” no site de busca *google*, foi encontrado o trabalho realizado por Carvalho, Silva (2014) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco no qual as autoras fizeram um levantamento de trabalhos sobre gênero e educação infantil nos Gts 07 e 23 da ANPED no período 2007-2013 e em outros locais, apontando outros materiais.

No estado da arte elaborado por Silva; Carvalho (2014), foram elencados 9 trabalhos, dentre estes, somente o de Böhm; Campos (2013), que, também, se tratava de um estado da arte, tratava da docência masculina, mas sem o foco específico na educação das crianças pequenas. Dessa maneira, nos achados dessas autoras, sobre nosso tema em questão, estavam indicados um artigo e uma tese de Sayão (2002, 2005), um artigo de Carmo; Ramos (2010), uma dissertação de Ramos (2011) , a dissertação de Souza (2010) e um artigo de Bastos (2011).

O próximo passo foi fazer um levantamento no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por se tratar de uma biblioteca virtual na qual há a reunião e disponibilização da produção científica de instituições de ensino e pesquisa brasileiras e de outros países. No portal, utilizando os descritores homens/educação infantil e masculino/educação infantil, foram obtidos 36 registros, sendo que desses, apenas 2 tratavam da docência masculina na Educação Infantil (ORIANI, 2011 e COSTA, 2010), Ambos os trabalhos foram realizados no sudeste brasileiro (São Paulo e Rio de Janeiro).

Posteriormente, nova busca foi realizada no Banco de Teses e Dissertações, também, da CAPES, com os mesmos descritores, tendo obtido como resultado 13 registros, destes, 4 trabalhos convergiram com o interesse da pesquisa (SOUSA, 2008; PEREIRA, 2012; ALVES, 2012 e ROSA, 2012). Destes trabalhos, dois originaram-se no nordeste (ambos no Ceará) e 2 no sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro).

Com a finalidade de encontrar o máximo possível de produções, nova busca foi feita nos repositórios de teses e dissertações⁴ de algumas instituições de ensino superior (UFRGS,

4 Algumas instituições não os possuíam.

UDESC, UEL, UFRN, UFSCAR, UFBA, UFLA, UNESP, UNB, UFC, UFG, UFPB, UFSC, PUC PR, PUC SP, PUC MG, PUC RS, PUC BRASÍLIA, UNICAMP, USP, UFMG, UNILAB, UFPE, UEAP, UEA, UEPA, UNITINS, UERR, UNIR, UFRR, UFAC, UNIFAP, UFAM, UFOPA, UFPA, UFT, UFRA, UNIFESSPA). Nesta fase, 5 novos trabalhos foram encontrados (RAMOS, 2011; SILVA, 2011; SOUZA, 2010; MONTEIRO, 2014 e SILVA, 2014).

Analisando os artigos encontrados na Anped, verificou-se que eles foram elaborados a partir das pesquisas realizadas para a escrita das teses e dissertações encontradas tanto portal da CAPES, quanto nos repositórios de teses e dissertações das instituições superiores. Dessa maneira, considerou-se mais profícuo analisar as teses e dissertações encontradas.

Sayão realizou pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, na área da Educação, no ano de 2005, com professores do sexo masculino da rede pública de educação de Florianópolis, Santa Catarina, pela Universidade Federal de Santa Catarina. O objetivo era compreender como os homens se constituem como professores de Educação Infantil sendo que esta é considerada uma profissão feminina. Assim, entre março de 2001 e novembro de 2002, ela fez observação participante de cinco docentes em seus grupos de trabalho com filmagens e uso do caderno de campo e realizou entrevistas, sendo que estas, também, foram realizadas com alguns familiares das crianças com os quais os professores atuavam, além de coordenadoras, diretoras, auxiliares de sala e colegas professoras. Também foram entrevistados dois homens que não atuavam mais na docência, pois a pesquisadora interessou-se pelos porquês deles terem “desistido” da profissão.

A autora constatou que nenhum dos professores projetou, na infância, atuar com crianças pequenas, o que ocorreu por acaso, pela necessidade de trabalho ou emprego, na maioria dos casos. Ela relatou que as dificuldades encontradas pelos sujeitos ao adentrarem as instituições de Educação Infantil como o encaminhamento, inicial, para turmas consideradas difíceis, ou para o trabalho com os bebês para que eles desistissem, a desconfiança sobre a capacidade e moralidade adequadas para realizar os cuidados com os corpos das crianças, principalmente, das meninas, o questionamento de suas masculinidades, a desconfiança de homossexualidade, entre outros, fizeram com que os entrevistados buscassem legitimidade em suas capacidades pedagógicas, sendo reconhecidos por isso ao realizar trabalhos diferenciados.

Souza (2010) investigou de que maneira um homem se constitui professor de creche, nas relações com suas colegas, com a direção e com as crianças e suas famílias. Sua pesquisa foi qualitativa, realizada pela USP, na área de Psicologia e usou como referencial teórico e metodológico a Rede de Significações que “foi desenvolvida para compreender o processo de desenvolvimento humano numa abordagem complexa e semiótica” (SOUZA, 2010, p.35). Nesse sentido, os sujeitos do exame foram um professor, uma professora, uma diretora, duas crianças e as famílias delas.

Na investigação, ela percebeu que a interação com os homens no espaço da Educação Infantil modifica os sentidos e significados que embasam o olhar para os mesmos. Inicialmente, eles são vistos com características genéricas (com sexualidade incontrolável, insensíveis, agressivos etc), posteriormente, são associados à imagem paterna. No entanto, a desconfiança quanto aos cuidados corporais continuam, fazendo com que os mesmos permaneçam afastados dessas atividades.

Oriani (2011), por sua vez, realizou um estudo de caso para verificar concepções sobre direitos humanos, cidadania e gênero na área de Educação da UNESP. Ela comparou o posicionamento de um professor e uma professora. Observou as práticas pedagógicas de ambos dentro e fora da sala, realizou entrevistas estruturadas com os dois e, também, a diretora e a coordenadora da instituição na qual eles trabalhavam com a finalidade de compreender as representações de feminino e masculino dos quatro.

A respeito das relações de gênero, ela ressalta o constante questionamento com relação à masculinidade do professor. Além disso, avalia que as relações de gênero e poder eram atravessadas pelos estereótipos da mulher caprichosa, carinhosa, cautelosa e do homem sem capricho, insensível e desafiador, demarcando o binarismo do feminino e masculino.

Sousa (2011), também, realizou pesquisa qualitativa, pela UFC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Sua pesquisa foi desenvolvida na cidade de Fortaleza, estado do Ceará. Teve como objetivo investigar o ingresso e a trajetória de homens em duas instituições de Educação Infantil.

Os métodos de pesquisa utilizado por ele foram análise documental, observações e entrevistas com 2 gestores da Secretaria Municipal de Educação, 3 gestores escolares, 2 professores, 5 professoras, 36 crianças e 36 familiares das crianças. Para análise dos dados, o pesquisador embasou-se na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, sistematizada por Denise Jodelet e nos Estudos de Gênero no qual utilizou os escritos de Scott e Louro.

Em sua imersão em campo, o pesquisador observou sujeitos em dois contextos díspares e experiências com algumas proximidades. Ambos os professores cresceram nas comunidades em que atuavam (um em uma escola na periferia e outro na zona rural). Os dois eram conhecidos por participar de movimentos religiosos em suas comunidades. A este fato, tanto os professores, como as colegas, relacionaram a facilidade de adaptação de ambos nas escolas investigadas. No entanto, foi revelado que, mesmo assim, algumas mães e professoras mostraram-se receosas quanto à necessidade de ajuda das meninas com relação ao uso do banheiro o que mostra, mais uma vez, a preocupação com a violabilidade do corpo destas e a desconfiança para com aqueles. Também, foi verificada a permanência do discurso acerca da divisão dos papéis sociais na qual as mulheres têm mais habilidades para trabalhar com crianças.

A pesquisa qualitativa de Ramos (2011) foi realizada na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, com profissionais do sexo masculino, na área de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Como procedimentos metodológicos foram utilizados grupos de discussão e entrevistas. Foram entrevistados, inicialmente, 12 professores que se dispuseram a contribuir, posteriormente, foram selecionados 3 professores para aprofundamento das questões. Também foram sujeitos da pesquisa uma diretora, duas vice-diretoras, três coordenadoras pedagógicas e uma gerente pedagógica regional. Para análise foi utilizada teoria sobre gênero (Louro, Badinter, Butler, Torrão Filho e Hooks).

Ramos (2011) defrontou-se com sujeitos considerados fora do lugar, inicialmente, alvos de desconfianças por parte das colegas e das famílias, um deles, inclusive, havia sido proibido de dar banho nas crianças do berçário devido às reclamações das famílias. Porém, o pesquisador revelou que passou o período em que os homens são testados, demonstrando que tem a moral

ilibada, é instaurada a confiança nos sujeitos e eles integram-se aos grupos de professoras.

Silva (2011), no programa de mestrado em educação da UFMG, objetivou investigar as trajetórias profissionais docentes no exercício da Educação Infantil de Ilhéus, buscando interpretar as representações da prática educativa expressas nas narrativas dos sujeitos. Para análise dos dados, ela utilizou-se da Teoria das Representações elaborada por Levebvre. Para traçar o perfil dos professores e selecionar os sujeitos da pesquisa, por não ter dados oficiais sobre os professores da cidade baiana, Silva (2011) aplicou 128 questionários com o propósito de fazer a identificação pessoal, profissional, do local de trabalho, das práticas educativas na Educação Infantil, dos consumos culturais e do tempo livre. A investigação também contou com análise documental (Plano Municipal de Educação, Resoluções, Propostas Pedagógicas e planos de cargos e salários).

Em suas conclusões, Silva (2011), evidencia as fragilidades teórico-metodológicas que enfrentou em campo diante da riqueza das narrativas dos sujeitos. Apesar disso, afirma que foi possível constatar que tanto as professoras como o professor, consideradas suas origens familiares, experimentam na profissão uma ascensão de suas trajetórias sociais ao inserirem-se no magistério. No trabalho, houve pouca problematização sobre os limites da atuação do professor-homem na educação, no entanto, não deixou de evidenciar a proximidade doméstica com a legitimação das práticas do professor pela paternidade, além disso, ficou clara a dificuldade encontrada por ele com o contato físico com as crianças, chegando a optar por só dar banho nos meninos, enquanto a higiene das meninas ficava a cargo das professoras.

Com o objetivo de compreender a construção da identidade dos docente na Educação Infantil de Guarulho, SP, Pereira (2012) desenvolveu uma pesquisa na área de Ciências da USP. Dessa maneira, ela utilizou-se da história de vida como técnica de coleta de dados, realizando entrevistas semiestruturadas em 5 professores do sexo masculino. Nessas entrevistas os professores descreveram estranhamento por parte das crianças, colegas e famílias quando das suas inserções no trabalho docente. Eles revelaram que se tornaram professores para trabalharem no serviço público. E mais uma vez, como nos outros estudos, a questão do cuidado dos corpos infantis surgiu como dificultador.

Sobre a identidade docente, Pereira (2012) avalia que apesar da Educação Infantil ser um campo feminino, os homens que ali atuam não se feminizaram, mas passaram a exercer outros tipos de masculinidade.

Rosa (2012), pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da UERJ, teve como objetivo de trabalho investigar de quais maneiras o professor-homem é enunciado e se autoenuncia a partir do dispositivo da sexualidade no magistério das séries iniciais e na educação infantil. Para atingir tal objetivo ele realizou pesquisa documental com foco em textos virtuais publicados na *web* e em grupos fechados de professores-homens e estudantes de pedagogia do *Orkut*.

Após analisar oito textos jornalísticos e de opinião veiculados em jornais, revistas e uma comunidade da rede social com 1337 homens professores ou estudantes de Pedagogia e 468 mulheres. Ele concluiu que os sujeitos são construídos para a masculinidade hegemônica. Na escola, são as mulheres são quem enunciam quem é o professor-homem e como ele deve proceder em sala de aula. E que os homens consideram que são capazes de exercer certos ofícios com mais eficácia que as mulheres, este é o caso da docência.

Monteiro (2014), pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP, analisou as trajetórias profissionais de professores homens que atuavam na Rede Municipal de Educação de Campinas. Ela trabalhou com história de vida, realizando, assim, entrevistas estruturadas e não estruturadas com 7 homens (todos que foram contatados se dispuseram a participar) cujo tempo de magistério variava de 3 a 21 anos.

Os motivos revelados pelos sujeitos para ingressarem na docência da Educação Infantil foram variados: inserção nos movimentos sociais, influência de mães ou professoras, facilidade de ingresso no curso pelo exame vestibular, empregabilidade e oferta de um curso gratuito no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério no município. Ficaram evidenciadas as mesmas dificuldades apresentadas nos outros trabalhos: o olhar de suspeita permanente para com eles, o questionamento da masculinidade e o desconforto com o contato físico com as crianças.

Por fim, pela Faculdade de Educação da UNICAMP, Silva (2014), realizou pesquisa com inspiração etnográfica com dois professores, um de Piracicaba e outro de Roma, com o objetivo de identificar como ocorrem as relações de gênero e poder nos espaços e tempos das pré-escolas públicas quando há homens na docência.

Nesse sentido, o pesquisador utilizou como instrumentos o caderno de campo, entrevistas e fotografias. Para localizar os professores fez levantamento na secretaria de educação na qual constatou que de 1454 docentes atuando na Educação Infantil, 10 eram homens. A escolha do sujeito de Piracicaba foi por causa da instituição onde ele atuava, pois o pesquisador havia sido diretor da mesma em outro período. O professor romano foi escolhido pelo fato da aproximação do investigador com os textos daquele e por tê-lo conhecido em uma conferência.

Silva (2014) observou a existência da divisão de trabalho entre os professores e as professoras, ficando estas com a responsabilidade dos cuidados corporais infantis, fato que era naturalizado por eles. Também, foi constatada uma vigilância maior para com ambos por serem vistos como possíveis abusadores, inclusive, o professor de Roma foi acusado de abuso sexual de uma criança. Apesar das distâncias geográficas e das diferenças foi possível perceber relações de poder acentuadas e, conseqüente, desigualdade de gênero. A masculinidade e a feminilidade vivenciadas eram hegemônicas e heteronormativas.

As teses e dissertações apreciadas evidenciaram as dificuldades às quais passam os homens que decidem “se aventurar” na docência da Educação Infantil: há o tabu quanto cuidado infantil, principalmente, das meninas, que é relacionado ao medo da pedofilia; o questionamento da masculinidade dos docentes e a desconfiança de possível homossexualidade; a cristalização da divisão sexual do trabalho e o discurso da maternidade e, conseqüente, inadequação deles naquele ambiente.

- Considerações finais

Na sociedade brasileira, desde os anos de 1970, muitas novidades práticas e discursivas vêm sendo colocadas em pauta pelos movimentos sociais. Contamos com o movimento pró-creche que lutou pela ampliação da Educação Infantil, o movimento feminista que, inicialmente, introduziu o estudo da situação das mulheres nas universidades e nas outras esferas sociais e, posteriormente, problematiza a naturalização dos papéis sexuais, iniciando os estudos sobre

gênero.

Apesar de um conceito recente, o gênero se constituiu como categoria de análise tão importantes que foram criados vários grupos de trabalho que se debruçam sobre ele, entre eles o GT 23 da ANPed responsável por uma boa quantidade de produções.

No entanto, fica evidente que nas discussões e produções sobre gênero ainda há uma predominância no foco sobre a condição das mulheres. Quando a análise é na área educacional, então, estudo de gênero é quase sinônimo de estudo sobre mulheres.

Há, também, pouca produção sobre a produção do gênero na Educação Infantil. E tendo em vista que a quantidade de homens nesses espaços é reduzida, as pesquisas sobre os mesmos também é.

Porém, mesmo em pequeno número, as pesquisas demonstraram que professores homens atuam na educação infantil, existem e resistem a uma série de dificuldades. Nesse sentido, pesquisas sobre a atuação deles se fazem necessárias para que outros homens que sintam desejosos em adentrar na profissão encontrem coragem para isso.

- Referências

ALMEIDA, Jane Soares. O legado educacional do século XX. In: SAVIANI, Demerval; et. O legado educacional do século XX no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2006.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. So Paulo: Pioneira, 1999. 203p.

ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia; HEIBORN, Maria Luiza (orgs). Gestão de Políticas Públicas em gênero e raça: módulo II. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.

BÖHM, Bianca Camacho de Almeida; CAMPOS, Míria Izabel. Atuação de professores homens na educação básica: um estado da arte sobre a produção acadêmica. Horizontes: Revista de Educação, Dourados, MS, n.1, v1, jan-jul. 2013. Disponível em: < <https://www.google.com.br/search?client=opera&q=Trajet%C3%B3ria+na+doc%C3%A2ncia%3A+professores+homens+na+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil+anped&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8#>> Acesso em 10 jul. 2016.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010a.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010b.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa; SILVA, Francisca Jocineide da Costa e. O estado da arte das pesquisas educacionais sobre gênero e educação infantil: uma introdução. 18º Redor: Recife, 2014. Disponível em: www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/view/2192/648 Acesso em: 10 jul.2016.

CRUZ, Priscila; MONTEIRO, Luciano. Anuário Brasileiro de Educação. São Paulo: Moderna, 2016.

- ESTEBAN, Maria Paz Sandin. Pesquisa qualitativa em educação. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; NUNES, Georgina Helena Lima. Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentada nas reuniões da ANPED (2000-2006). 36ª Reunião Nacional da ANPED: 2010. Disponível em: [https://www.google.com.br/search?client=opera&q=PANORAMA+DA+PRODU%C3%87%C3%83O+SOBRE+G%C3%8ANERO+E+SEXUALIDADES+APRESENTADA+NAS+REUNI%C3%95ES+DA+ANPED+\(2000-2006\)&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8#](https://www.google.com.br/search?client=opera&q=PANORAMA+DA+PRODU%C3%87%C3%83O+SOBRE+G%C3%8ANERO+E+SEXUALIDADES+APRESENTADA+NAS+REUNI%C3%95ES+DA+ANPED+(2000-2006)&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8#) Acesso em 10 jul. 2016.
- HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. “Estudos de gênero no Brasil”, in: MICELI, Sérgio (org.) O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221.
- LOURO, Guacira Lopes (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MONTEIRO, Mariana Kubilius. Trajetória na docência: professores homens na educação infantil. 152f. Dissertação (Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- MONTEIRO, Mariana Kubilius. Trajetória na docência: professores homens na educação infantil. 36ª Reunião Nacional da ANPED, Goiania, 2013. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?client=opera&q=Trajet%C3%B3ria+na+doc%C3%Aancia%3A+professores+homens+na+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil+anped&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8#>> Acesso em 10 jul. 2016.
- ORIANI, Valeria Pall. Direitos humanos e gênero na educação infantil: concepções e práticas pedagógicas, 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.
- PEREIRA, Maria Arlete Bastos. Professor homem na educação infantil: a construção de uma identidade. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação, Saúde na infância e na adolescência) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2012.
- PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (orgs). Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.
- RAMOS, Joaquim. Um estudo sobre os professores homens da Educação Infantil e as relações de gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte – M.G. 2011. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- ROSA, José Paz da. O dispositivo da sexualidade enquanto enunciador do professor-homem no magistério da séries iniciais e na Educação Infantil. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2012.
- ROSA, Walkíria Miranda; SÁ, Carolina Mafra. A história da feminização do magistério no Brasil: uma revisão bibliográfica. Disponível em: < sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo5/477.pdf> Acesso em: 20 jun. 2015.
- SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. Educador infantil: uma ocupação de gênero feminino. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Psicologia social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- SAYÃO, Déborah Thomé. Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo de professores em creche. 2005. 273f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.
- SILVA, Elenice De Brito Teixeira. Condição docente na educação infantil: Representações do presente. 2011. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais,

Belo Horizonte, 2011.

SILVA, Peterson Rigato da. Não sou tio, nem pai, sou professor! A docência masculina na educação infantil. 222f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SOUSA, José Edilmar. “Por acaso existem homens professores de Educação Infantil?”: um estudo de casos múltiplos em representações sociais. 2011. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SOUSA, José Edilmar. Homem docência com crianças pequenas: o olhar das crianças de um centro de educação infantil. 37ª Reunião Nacional da ANPED, Florianópolis, 2015.

SOUZA, Eliana Batista. Homens na Educação Infantil: uma revisão bibliográfica. 2016. 46f. Monografia (Lato Senso em Gênero e diversidade na escola) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SOUZA, Maria Isis de. Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. 248f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

5 Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

Realização



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO



Apoio



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coparticipação

FADECIT.
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO
DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
MINAS GERAIS